

## AS IDEIAS PRÓPRIAS COMO AUTODEFESA CIDADÃ: REFLEXÃO SOBRE A DIFUSÃO DA DESINFORMAÇÃO NA REDE SOCIAL

### *OWN IDEAS AS CITIZEN SELF-DEFENSE: REFLECTING ON THE SPREAD OF DISINFORMATION ON SOCIAL MEDIA*

Geraldo Francisco dos Santos<sup>1</sup>

#### RESUMO

Este artigo, de abordagem qualitativa e método indutivo, trata do tema da desinformação nas redes sociais, com o objetivo de refletir sobre a necessidade de os cidadãos desenvolverem ideias próprias como forma de prevenção contra notícias falsas e de caráter duvidoso. O compartilhamento de informações em larga escala, com instantaneidade e sem critérios de verificação, facilita o acesso a conteúdos sem credibilidade, com intenções nem sempre pautadas pela objetividade ou por um conteúdo informacional digno que promova o conhecimento. Torna-se necessário examinar como a difusão do conhecimento é realizada nas redes e com quais propósitos, ao mesmo tempo em que se busca instrumentalizar o cidadão para que ele não seja contaminado por conteúdos que não contribuam para seu desenvolvimento intelectual e moral. Com base em autores que discutem ciências da informação, filosofia e difusão do conhecimento, este estudo utiliza como suporte analítico um vídeo sobre ideias próprias, desenvolvido pela filósofa Lúcia Helena Galvão. Com isso, espera-se que esta pesquisa possa contribuir para ampliar o leque de discussões sobre desinformação e difusão do conhecimento, além de oferecer um instrumento de reflexão sobre a importância de desenvolver ideias próprias.

**Palavras-chaves:** Desinformação; Difusão do conhecimento; Ideias próprias.

#### ABSTRACT

*This article explores the issue of disinformation on social media through a qualitative approach and inductive methodology, aiming to highlight the importance of cultivating independent thinking as a form of civic self-defense against false or questionable information. The large-scale sharing of information, with immediacy and without verification criteria, facilitates the dissemination of unreliable content, often lacking objectivity and informative value, and failing to promote genuine knowledge. It is essential to examine how knowledge is disseminated on social media and for what purposes, while also equipping citizens to resist exposure to content that does not contribute to their intellectual and moral development. Drawing on authors in the fields of information science, philosophy, and knowledge dissemination, this study uses as its analytical basis a video on independent thinking by philosopher Lúcia Helena Galvão. The aim is to contribute to broadening the debate on disinformation and knowledge diffusion, while offering a reflective tool on the importance of developing one's own ideas.*

**Keywords:** Disinformation; Knowledge diffusion; Independent thinking.

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências da Educação - Facultad Interamericana de Ciências Sociales (FICS). Doutorando em Difusão do Conhecimento - Universidade Federal da Bahia (UFRJ). Mestre em Estudo de Linguagens - Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

## 1. INTRODUÇÃO

A transmissão de informações é um processo natural nas relações humanas travadas entre os seres e as sociedades que constituem o mundo da vida. Trata-se de uma necessidade básica da humanidade para comunicar os conteúdos de suas diversas experiências de vida. A comunicação se tornou tão essencial como o ato de respirar, de falar ou ter companhia, pois comunicando-se, o homem e a mulher se sentem vivos, co-partícipes da realidade humana. Contudo, autores da área da informação e comunicação afirmam que “a informação se prolifera e circula em uma quantidade e velocidade vultosas” (Brisola; Romeiro, 2018, p. 3). Sem sombra de dúvidas, com o advento da internet e a consequente configuração das redes sociais, nota-se um aumento espetacular desse intercâmbio, agora muito mais dinâmico, incessante e ultrarrápido do que outrora.

A temática abordada neste artigo versa sobre a desinformação nas redes sociais, que pode gerar decepções, enganos e surpresas para as pessoas que, muitas vezes, sem se darem conta, são receptores e propagadores de *fake news*, sem se sentirem na obrigatoriedade da checagem das informações, e, talvez por isso, podem não se importar com os resultados produzidos por esse tipo de mensagem, se configurando em uma dupla responsabilidade, a da falta de auditoria e dos efeitos anônimos da desinformação.

Nessa perspectiva, aqui se toma a análise de um vídeo produzido no canal do *YouTube*, pela filósofa brasileira Lúcia Helena Galvão, que trata da necessidade de se ter ideias próprias. Pensar por si próprio talvez seja a maior dificuldade encontrada pelo ser humano na atualidade. Se por um lado existe certa facilidade de acesso às informações, por outro lado, o turbilhão delas, também promove a desqualificação da mensagem, pela via da banalidade, da mentira e do sensacionalismo. E nessa tensão entre ambos, o indivíduo pode terminar por escolher a trivialidade como sinônimo de comodidade. Notícias rasas e sem fontes dignas de verificação, sem credibilidade, circulam nas redes, podendo ser acessadas por qualquer pessoa que as tomam como verdadeiras, devido, talvez, aos embustes linguísticos e imagéticos com que são adornadas.

No que diz respeito a pesquisas científicas sobre o tema desinformação, entre os anos 2000 e 2018 foi constatado um número ainda insuficiente desses estudos segundo Carvalho;

Mateus (2018). Levantamento realizado por esses autores tendo como bases de dados a BRAPSI, verificou-se um total de 16 pesquisas a partir do descritor: desinformação.

Este artigo trabalhou, mais recentemente, com a base de dados da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), utilizando como descritor o termo “desinformação”, encontrando pesquisas entre os anos de 2019 e 2023. Dos 86 resultados, cerca de 37 artigos científicos constam a palavra mencionada no título dos artigos. Desse total, 33 abordam o tema da desinformação nas redes sociais, 23 se debruçam sobre o Coronavírus 2 (SARS-CoV-2), patógeno causador da Doença do Coronavírus 2019 (COVID-19), outros 14, tratam de outros enfoques. Salienta-se que dos 86 artigos, alguns contém o descritor *fake news*, contudo, para este estudo, a desinformação é o enfoque principal, embora é comum que se faça relações entre ambos os termos.

Dos 37 artigos que contém o termo desinformação no título, 2 são do ano de 2019, 13 de 2020, 11 de 2021, 7 de 2022 e 4 de 2023.

Ao se pensar quantitativamente em produção de pesquisas que abordem a temática da desinformação se verifica da necessidade de intensificação por parte de pesquisadores, institutos de pesquisa e universidades, dada a relevância do tema para a discussão da partilha do conhecimento e da democracia. Essa configuração reforça o objetivo de tratar do tema em questão, favorecendo debates e atualizações do conhecimento.

Em detrimento disso, essa pesquisa tem como objetivo refletir sobre a desinformação presente na rede social, buscando reconhecer a necessidade do amadurecimento da consciência do cidadão e da cidadã, na hipótese de que a constituição de ideias próprias pode ser uma forma de prevenir-se das idealizações infundadas lançadas nas redes.

## 2. AS ABORDAGENS SOBRE A DESINFORMAÇÃO

Esta parte do artigo pretende, com apoio em estudos encontrados na base de periódicos da CAPES<sup>3</sup>, entre os anos de 2019 e 2023, evidenciar quais são as principais fontes de veiculação da desinformação encontradas nessas pesquisas e como foram consideradas pelos pesquisadores. Para tanto, toma 5 artigos científicos (dois de 2020; dois de 2022 e um de 2021) 37 mencionados na introdução, os quais contém em seus títulos a desinformação como palavra-

núcleo. O objetivo é verificar quais destes estudos fazem alguma referência à necessidade de ter ideias próprias por parte dos indivíduos como prevenção à desinformação e quais indicações eles propõem como alternativa para o seu combate.

Embora a maioria dos artigos encontrados na base da CAPES se remetam a experiências do período da pandemia, não se pretende no escopo deste artigo tecer considerações sobre partes do conteúdo que discutem sobre saúde e poder político, temas presentes em muitos deles.

O primeiro artigo a destacar se intitula “Fake news em tempos de COVID-19: discursos de ódio nas redes sociais como ressonância da desinformação” de autoria coletiva de Rocha; Brandão; Cruz (2020) publicação da Revista Interinstitucional Artes de Educar, cujo objetivo é analisar as *fake news* durante a pandemia. Os autores apresentam informações relevantes sobre a desinformação através de trechos extraídos de jornais e fontes bibliográficas.

No que se refere a resultados, consideram a educação proposta na interação entre docentes/instituições de ensino e estudantes, como uma ferramenta para elucidar as *fakes news*, pois, os autores afirmam que

Sendo a didática um campo que investiga os fundamentos, as condições e os modos de realizar a educação por meio do ensino, nesse contexto de fenômeno das fake news (*sic*), docentes de diferentes áreas do conhecimento tem a função de tornar as informações do jornalismo profissional e artigos de divulgação científica, em conteúdos formativos de suas práticas cotidianas. (Ibid., 2020, p. 17)

Caberia a essa diáde (professor/instituição) o trabalho de identificação e análise de informações falsas com vistas a promover no discente o conhecimento que gera o discernimento.

Ao afirmarem que “essa desinformação é agravada quando se compreende que as pessoas preferem consumir fake News por estas apresentarem um ponto de vista que ratifique seus pensamentos e preferências a acreditarem em fontes confiáveis e até mesmo em estudos científicos” (Rocha; Brandão; Cruz, 2020, p. 17) o artigo termina por ratificar a indisponibilidade de ideias próprias no sujeito da informação. Se um indivíduo necessita se apoiar sempre naquilo que é veiculado fora dele mesmo, pode haver aí uma falta de consistência, de firmeza e convicção pessoal em seus pensamentos próprios.

O segundo artigo, “Da manipulação das massas nas redes sociais às ações de combate a desinformação” (Hissa, 2022) apresenta uma discussão sobre a temática valendo-se da desinformação enquanto estratégia político-discursiva validada pelos grupos hipermediáticos. Como o próprio título indica, a pesquisa recai sobre as redes sociais, *loci* da desinformação. O estudo foi publicado em revista da área de linguagem e em sua análise a autora apresenta algumas alternativas que existem de combate e controle da desinformação, dentre elas, a checagem da informação, através de agências espalhadas pelo mundo as quais são contratadas para verificar a fidelidade entre as fontes informacionais e os fatos ditos reais.

É uma reflexão responsável, mediada pela fundamentação em autores que abordam questões da linguagem, da comunicação e da filosofia. Relevante destacar o posicionamento da autora frente a constatação da importância e do respeito à alteridade nas relações sociais, mesmo em âmbito digital. Ela propõe que a alteridade nas redes sociais

seria, então, um movimento de orientação de nossa própria conduta com relação ao outro, de construção do nosso próprio discurso em referência ao discurso alheio, entrelaçado com ele, em resposta a ele e em antecipação a futuras respostas (Hissa, 2022, p. 15).

Constata-se assim que ela está em concordância do quão é relevante o papel das ideias próprias na vida do cidadão, pois através delas constrói o seu próprio discurso, sendo capaz de distingui-lo do alheio, sendo assim, pode tomar decisões, fazer escolhas próprias e apropriadas com o seu pensamento.

O artigo “Infodemia, desinformação e vacinas: a circulação de conteúdos em redes sociais antes e depois do COVID-19” (2021) busca compreender os modos como a infodemia impacta a circulação de informações sobre vacinas nas redes sociais. Escrito a quatro mãos, o texto se atenta para a desordem informativa reforçada pela disputa da atenção dos usuários - engendrada pelos agentes midiáticos digitais - que se debruçam sobre as informações curtindo, dando *likes* e compartilhando sem a devida atenção para a leitura, muitas vezes bastando deter os olhos sobre a manchete principal. Contudo, os pesquisadores indicam a necessidade de refletir também sobre os processos que envolvem questões políticas e econômicas, presentes

dentro e fora das redes sociais, mascaradas de democracias, mas que estão prontas para a intolerância.

Esse estudo não leva em consideração nenhum aspecto referente ao usuário, ou seja, toda a incidência de informações que recaem sobre aquele, tem como agente causador interesses políticos, tendo em vista que o artigo retrata um momento específico que é o período da pandemia, via necessidade da vacina, situação alterada na dinâmica tensional entre essa e questões políticas.

O quarto artigo “A sociedade da desinformação” (Silva, 2022) analisa como os meios de comunicação disseminam informações. Em sua primeira parte, apresenta um breve histórico de registros da desinformação em momentos específicos da humanidade e em obras clássicas como “A arte da guerra” (Sun Tzu), desse modo, demonstrando que a divulgação de informações duvidosas e falsas não é um *modus operandi* da atualidade.

Desenvolvido como um texto com tom ensaístico, o autor atrai a atenção do leitor para o fato de que não existe neutralidade no discurso jornalístico, fato que pode ser atestado pela seletividade das informações e a própria construção textual visando o discurso argumentativo, ou seja, o que se constrói textualmente tem interesses que não visam o esclarecimento propriamente dito, função precípua do jornalismo atrelada à objetividade, mas por uma ideologia defendida pelo jornal.

Finalmente, o artigo vai demonstrando a fragilidade do leitor/usuário diante da notícia, ao afirmar que “através da desinformação, pode-se enganar as pessoas e impor uma opinião pública inadequada. Também é possível, em certa medida, a manipulação da consciência, e do comportamento de indivíduos e grupos de pessoas” (Silva, 2022, p. 11-12), pois, muitas dessas informações são produzidas com “chamadas atrativas” (formato da fonte; título da manchete etc), o que desperta a atenção e curiosidade de quem acessa a página. Por outro lado, o autor também reconhece que o leitor precisa se fortalecer contra o evento noticioso

De fato, todos sabemos menos do que esperamos. Isso se aplica as ideias sobre a quantidade total de nosso conhecimento. *A única coisa em que temos certeza é que depois de tantos esforços científicos as pessoas ainda pensam pouco, não gostam de pensar e não apreciam particularmente aqueles que pensam.* É provável que uma das

principais causas de poder generalizado das notícias falsas seja *a inércia do nosso pensamento, pois dificilmente concordamos em acionar mecanismos de pensamento crítico* (grifos nossos). Muitas vezes seguimos a liderança de nossos desejos, acreditando no que é simples e compreensível. Não queremos criticar as informações que correspondem às nossas expectativas” (Silva, 2022, p. 14).

Sendo assim, a preguiça cognitiva pode gerar prejuízos na hora em que o indivíduo busca a informação, pois, como saber selecionar o certo do errado ou o falso do verdadeiro, em meio a uma profusão de informações, e além disso, sendo afetado pela ampliação do próprio pensamento crítico. É, portanto, evidente o aprimoramento das ideias próprias com o intuito de capacitar as pessoas para a tomada de decisão na construção e reconstrução do conhecimento, é necessário um esforço pessoal e mental para transformar informações objetivas em conhecimento subjetivo, aquele que proporciona mudanças de comportamento. O quinto artigo cujo título é “Desinformação na cultura digital: reflexões a partir da Democracia Cognitiva e do Diálogo de Saberes” (Lima, 2020) se apropria da democracia cognitiva e do diálogo de saberes para discutir a desinformação e propor uma educação crítica para as pessoas.

No desenvolvimento da reflexão, vai se configurando a ideia de Morin (2013): a humanidade deve, para conhecer, reorganizar o saber e reformar o pensamento, ora isolando o conhecido/desconhecido, ora somando as diferenças que existem em ambos. É uma dinâmica que envolve paciência, dinamismo, perseverança, civilidade e entendimento da complexidade da vida, momento em que as incertezas também devem ser computadas, pois elas informam dos limites da vida.

Na outra ponta da discussão, o autor se apoia nas considerações de Leff (2006) para trazer à tona a emergência de se pensar nas questões ambientais como vitais para a ecologia de saberes, a reintegração do homem com a natureza, evitando desgastes da segunda pelo primado da razão do primeiro, em sentir-se detentor de todo o saber.

Em sua parte final, o artigo trata da educação midiática a partir da reflexão sobre uma pesquisa intitulada “Valores e argumentos na assimilação e propagação da desinformação: uma abordagem dialógica”, realizada nas cidades do Rio de Janeiro e Recife, entre os anos de 2018 e 2019. Contou com a presença de 113 sujeitos da pesquisa que participaram de uma oficina,

na qual refletiram sobre uma pergunta central (Como podemos enfrentar a crescente disseminação de desinformação no Brasil?) e responderam a questionários sobre a temática. A reflexão teve como base quatro caminhos (1. defender a livre circulação da informação; 2. investir na capacitação pessoal; 3. exigir e pressionar governo e empresas; e 4. participar do controle social da informação) para combater a propagação de informações falsas. Foi sobre o item 2 que o artigo busca fazer uma proposição para o enfrentamento da desinformação.

Sendo assim, para os autores “a educação digital é apontada como meio de aquisição de competências que possibilitam que as pessoas estejam preparadas para identificar e combater as informações falsas” (Cordeiro et. al., 2020, p. 14), nessa perspectiva, os participantes da pesquisa atestaram como atribuição do Estado a educação digital. Desse modo, a estruturação e promoção de campanhas que promovam cursos, oficinas, debates, não limitadas aos muros escolares e universitários, mas comunitário, mobilizando toda a sociedade para a competência digital.

Os 37 artigos que foram encontrados na base da CAPES se reportam à desinformação, alguns trazem suas respectivas propostas para o controle desse fenômeno digital e comunicacional, contudo, trazê-los para o âmbito analítico deste artigo demandaria um excesso de páginas ou se o faria de forma muito superficial, afetando a qualidade científica da pesquisa.

Os cinco artigos selecionados para este tópico possuem menos de cinco anos de construção, portanto, são estudos atualizados, que, além de refletirem sobre a desinformação na era digital, contribuem para o debate sobre o tema, apontam questões epistemológicas, econômicas, políticas e ambientais e ainda apresentam sugestões para a contenção das tensões provocadas pela informação excessiva e de qualidade inconsistente.

### **3. DESINFORMAÇÃO E IDEIAS PRÓPRIAS**

Neste tópico, são apresentados alguns conceitos e realizadas algumas considerações sobre os mesmos com o propósito de fazer uma linha de pensamento sobre o tema da desinformação. Na parte seguinte, se busca expor e analisar o vídeo “Você tem ideias próprias?” cujo desenvolvimento do conteúdo é feito sob a argumentação filosófica da professora e filósofa Lúcia Helena Galvão.

### 3.1. Quando a informação desinforma

No escopo desta pesquisa se concebe a informação como um dado objetivo que não somente nomeia as coisas do mundo da vida (palavras, por exemplo), mas também podem indicar procedimentos (como uma receita de bolo ou a bula de um medicamento). Não deixa, entretanto, de ser um conhecimento comunicado que pode favorecer o desenvolvimento de diversas funções, assim “[...] sintonizando o homem com a memória de seu passado e com as perspectivas de seu futuro” (Barreto, 2007, p. 49), informação é, portanto, um significante que de forma simbólica faz o indivíduo atuar modificando a consciência e o estado do conhecido. Sendo assim, para qualquer termo definido aqui, se centra naquilo que Austin afirmou

Uma palavra nunca [...] livra-se de sua etimologia e formação. A despeito de todas as mudanças nas extensões e adições a seus significados que cheguem mesmo a permeá-las e dirigi-las, ainda persistirá a velha idéia (*sic*). O retorno à história de uma palavra, freqüentemente (*sic*) ao latim, conduz comumente desenhos ou modelos sobre como as coisas aconteceram ou foram (Austin, 1996, p. 149-150).

Nessa perspectiva, o termo informação tem raízes etimológicas latinas oriundo de *informo* e *informatio*, designando o ato de mudar a mente ou de comunicar conhecimento (Araújo, 2010). Com esse pensamento, uma informação por comunicar um conhecimento pode gerar alterações (emocionais, cognitivas etc) em quem a recebe, como por exemplo, quando se ouve uma música (que transmite informação pela letra e/ou pelos sons) que emociona, faz refletir etc.

A palavra desinformação é mais encontrada em dicionários atuais, pois ao termo informação é acrescentado o prefixo “des”, que, nesse caso, tem teor de negação, como em desinteressado, por exemplo, significando aquele que não tem interesse. Portanto, desinformado, o que não tem informação. Mas na verdade, na reflexão em andamento, não tem a informação correta.

Em referência ao seu conceito, de acordo com o verbete do Dicionário *On Line* de Português, a desinformação pode ser entendida como a “[...] ação ou efeito de desinformar; informação inverídica ou errada que é divulgada com o objetivo de induzir em erro; falta de conhecimento ou ignorância [...]”. Para autores como Nehmy e Paim (1998) nas ciências da

informação, ela se apresenta com aspecto duplo, ou seja, como uma má fé na difusão de informações, notícias falsas, mas também da ausência de competência em informação para acesso e uso que satisfaça a necessidade informacional do usuário. Nesse sentido, de acordo com esses pesquisadores isto estabelece um limite para a aquisição de novos conhecimentos e a atuação reflexiva das pessoas no seio social.

Para Demo (2000) a desinformação representa o outro lado inerente à informação, pois o ser humano tem limites para a captação das informações. No entanto, se deve atentar para o senso crítico que deve prevalecer no momento do acesso às informações, e isto está na base da competência em informação, pois do outro lado do receptor tem aqueles que fazem parte da produção e compartilhamento inicial. Talvez, por isso, Volkoff (2004, p. 19) entenda a desinformação como “[...] uma manipulação da opinião pública para fins políticos através de informação trabalhada por processos ocultos [...]”, que, ao induzir ao erro, podem atingir todo o complexo da sensibilidade do usuário.

Não somente no Brasil, mas em outros países “[...] as múltiplas interações que os sujeitos mantêm com o mundo e com os outros sujeitos mostram que eles estão, quase sempre, submetidos à desinformação ou pouca informação” (Aquino, 2007, p.12). Tais proposições podem esconder um plano político-ideológico de grupos dominantes, que empregam e se apropriam de redes digitais e veículos de comunicação para a difusão de conteúdos que “confunde e desarma.” (Pinheiro; Brito, 2014, p. 2). É o que concorda Floridi (1996), para o qual, o objetivo principal da desinformação é enganar tomando o sujeito-usuário como objeto; mesmo sendo inerente ao sistema de gerenciamento de informações, ela é divulgada intencionalmente (Floridi, 2011, p. 260 *apud* Fallis, 2015, p. 401).

Floridi (1996), por outro lado, destaca a possibilidade da autodesinformação, uma estratégia ou adesão inconsciente para sobreviver ao drama existencial e a realidade da vida, quando o indivíduo ignora ou evita informações ou mesmo se habitua a conhecer as coisas tão somente de uma forma deformada.

Do exposto anteriormente, baseado no pensamento dos autores citados, se pode depreender que a desinformação se constitui num prejuízo ao entendimento e atualização de informações, possuindo, em alguns casos, principalmente quando existe um viés ideológico e

político, um caráter de manter a ignorância, a confusão e o rebaixamento do senso crítico do usuário.

### 3.2. Filosofia para o bem viver

Lúcia Helena Galvão (LHG) é filósofa, palestrante e escritora, além de presidente da Nova Acrópole do Brasil Norte<sup>4</sup>. Tem ministrado diversos cursos e palestras dentro e fora do país e nas redes sociais. Suas palestras e aulas disponíveis nas redes já alcançaram mais de 25 milhões de visualizações, ratifica um trabalho dedicado e estratégico que atraem pessoas ao desenvolver temas conhecidos e instigantes, de um modo mais propício ao entendimento humano. Sendo assim, o pensamento da filosofia não fica restrito àqueles que o manipulam ou o detém em pequenos círculos de discussão (academias), com linguagem própria, mas alcança circuitos que desconhecem esse tipo de conhecimento ou sentem dificuldades na sua compreensão.

Nos vídeos da Nova Acrópole com Lúcia Helena Galvão como expositora, nota-se, como se demonstra na citação seguinte, a sua identificação com o pensamento da instituição e com a filosofia:

Absolutamente fiéis e obedientes àquilo que percebem como valores universais, humanos, nobres e justos, os filósofos são os homens mais livres da humanidade: não carregam o peso de presunções nem preconceitos, estão livres e puros ante à vida. (Galvão, 2022, p. 14).

Trata-se de uma visão de mundo a partir do conhecimento filosófico, aquele que faz refletir e se tomar uma atitude perante a vida a partir da busca e ressignificação dos valores humanos.

A difusão do conhecimento proposto por essa personalidade brasileira da filosofia se apoia em/e apresenta um programa de estudos que remonta aos períodos dos pensadores e filósofos orientais e ocidentais, seguindo os passos daqueles que conceberam um olhar profundo para a vida, independentemente da sua religião, posição política, gênero, formação intelectual e cultural. Assim, ela se expressa referente ao trabalho dos filósofos “por onde passaram os maiores dentre eles, na História, a barbárie e a ignorância foram varridas com uma

chamada poderosa em prol da fraternidade, do ecletismo e do autoconhecimento” (Galvão, 2022, p. 14), ou seja, a difusão do conhecimento filosófico é um benefício para a humanidade.

Esse processo se fortalece e encontra seu ponto principal quando o sujeito, através de um novo saber, se sente situado na vida, e assim, saberá fazer e conviver por ter atingido um maior nível de compreensão sobre si mesmo, as coisas e o mundo.

### 3.3 Argumentos do vídeo “Você tem ideias próprias?”

O vídeo em análise consta no canal do *You Tube*, tem a duração de 1:06:20, e foi postado no ano de 2018. Até a data de escrita deste artigo, constam na página do vídeo cerca de 437 mil visualizações e 34 mil *likes* positivo contra nenhum registro negativo.

É uma produção da Nova Acrópole em seu canal da referida página, tendo a filósofa Lúcia Helena como apresentadora do assunto.

A proposta aqui é fazer uma apresentação do conteúdo, evidenciando as principais argumentações da filósofa em torno da ideia própria.

Como a própria apresentadora informa no início da gravação, o vídeo foi gravado em sua própria casa. Logo na abertura, aparece o símbolo da Nova Acrópole e na tela seguinte, o título da exposição oral, em negrito, sob um fundo na cor mostarda claro: “Você possui uma voz ou um eco?”. Da abertura até este ponto, tem a duração de 20 segundos. Após essa imagem, ao fundo, se encontra uma estante com diversos livros e a filósofa, de pé, vestida de forma discreta, porta na gola da blusa, um microfone de lapela. Assim, ela cumprimenta o usuário dando as boas-vindas.

Informa que terá uma conversa especial, informando o título para o usuário. Traduz o título para “Você tem ideias próprias?”. Como complemento, ela diz “ou você está simplesmente copiando o que ouviu por aí”. Logo após, LHG diz ao ouvinte que a ideia por detrás do tema não é apenas o não se deixar manipular, mas o fato de que se está aqui (na Terra) para se construir a si mesmo, e esta função significa ter autonomia, identidade própria, construir seus próprios pensamentos, tomar as rédeas da vida. Importante ressaltar que ela afirma que a escolha que se faz pode gerar algo bom ou ruim, mas que são tudo experiências, e o mais significativo é não se sentir o dono da verdade e não ter preguiça de pensar.

Argumento 01 - Para ela, a pior preguiça é a mental. Como produto da mente, esse tipo de preguiça gera dispersão, o hábito de adotar sempre ideias prontas, ir de acordo com o que os outros ditam, sem gerar esforços próprios.

Argumento 02 – Citando Platão, ela fala do plano das ideias. Ou seja, as coisas nascem primeiro como ideias; ao descer para a matéria, essas ideias se tornam imperfeitas. Contudo, o ser humano precisa compreender que existe uma ideia humana (a busca do aperfeiçoamento) e necessita buscá-la para não se afastar da ideia original, mais perfeita. Assim como existem coisas perfeitas no mundo ideal, existe também o humano ideal. O ideal para o ser humano seria, portanto, ter valores, virtudes e sabedoria para tornar-se um ser humano pleno em sua individualidade, pois se trata de um processo de singularidade. Contudo, ao seguir modelos sociais, o indivíduo não tem vida própria, pois segue o eco do grupo, e não a sua própria identidade. Pois se o grupo pretende precipitar-se no abismo, se faz opções equivocadas, o sujeito precisa decidir por conta própria o que melhor para si. Para a filósofa, é possível ter identidade no meio da massa, basta manter a sua autonomia e integridade.

Argumento 03 – “Quanto mais dentro, mais fora” é a frase citada por LHG para designar o fato de que uma pessoa que procura a si mesma em meio às coisas que não se identifica; ela se faz perguntas, ela observa, não nega nenhuma experiência, com isso, se pode encontrar respostas no próprio hábito de reflexionar; agindo assim, ela que aprofunda na própria natureza, concomitantemente estará se aprofundando no que há fora de si. Para entender com profundidade as coisas é necessário entender a si mesmo.

Ao finalizar essa parte, LHG fala de como a aprendizagem da lógica, com a análise das premissas, pode ajudar as pessoas a argumentar e discernir. Se a premissa é verdadeira e correta, os seus raciocínios serão corretos. A premissa é portanto, a base que as considerações sólidas.

Argumento 04 – Neste ponto do vídeo, a filósofa relembra da importância da experiência como catalisadora de conhecimentos. Vivenciar os fatos e retirar deles o aprendizado.

Argumento 05 – A priori, nem a negação, nem a afirmação. É importante examinar as experiências e extrair delas aquilo que é válido, descartando o restante, assim como o corpo faz com os alimentos.

Argumento 06 – Evitar rotular as pessoas e as situações e os fatos, o que significa não julgar nada de forma tão definitiva; concebendo que as coisas se transformam, se modificam. Se houver pensamento fixo sobre o que ocorreu no passado, fica-se preso a ele e não se regenera.

Argumento 07 – Deve-se evitar o fantasma de Eco, ou seja, tal qual a narrativa do mito grego sobre a ninfa que reproduzia a voz de Narciso, indivíduo de caráter duvidoso. Repetir o que se viu ou ouviu não amplia a consciência sobre a experiência de vida, principalmente se a fonte for desconhecida. Essa voz que se ecoa tem um beneficiário que a ecoou antes.

Argumento 08 – Citando a frase do filósofo romano Epíteto ‘Preserve a sua razão, que ela preserva você’, LHG relembra como o ser pode se enganado facilmente quando ele vacila na sua capacidade racional.

O vídeo é finalizado com LHG lendo uma citação de autor oriental. Faz um comentário sobre ela e em seguida, deseja que o usuário aproveite as situações em que possa refletir, ele mesmo, sem se deixar contaminar tanto pelo outro. Finaliza a exibição, sugerindo ao usuário que assuma as rédeas da própria vida.

### 3.4 Difusão do conhecimento

A disseminação do conhecimento é uma necessidade das sociedades para exercer uma das funções mais proeminentes da vida humana: a comunicação. Não apenas a transmissão de conteúdos e produtos rentáveis que geram renda e fazem circular a economia e a geração de empregabilidade. Mas também a divulgação de informações e, conseqüentemente, do próprio conhecimento que agrega outros valores. Esse pensamento encontra ressonância nas seguintes afirmações: “Difusão do conhecimento não é mera transmissão de informações, mas o processo capaz de tornar o conhecimento em ferramenta útil para o ‘saber ser’, ‘saber fazer’, ‘saber conviver’ e para as transformações na sociedade” (Neto; Menezes, 2020, p. 282). Esse processo se fortalece e encontra seu ponto preponderante quando o sujeito, através de um novo saber, se

sente situado na vida, e assim, saberá fazer e conviver por ter atingido um melhor nível de compreensão sobre si mesmo e sobre as coisas do mundo da vida.

Para os autores Neto e Menezes, difusão do conhecimento designa

[...] o compartilhamento de conhecimentos `próprios e apropriados` de uma comunidade de conhecimento específica para outra comunidade que os emprega na vida. É a distribuição ampla de conhecimentos entre comunidades científicas e não científicas transpondo barreiras, repassando pessoa a pessoa, grupo a grupo, sociedade a sociedade (Neto e Menezes, 2020, p. 281).

Sendo assim, levando-se em consideração a questão da desinformação e a inexperiência do receptor diante do próprio processo de busca pela informação/conhecimento, o que é difundido deveria ser primado pela qualidade e veracidade tanto no nível da fonte quanto do próprio conteúdo, pois “[...] a difusão do conhecimento não é um ato neutro” (Ibid., 2020, p. 286), é sempre dirigido a alguém ou alguma coisa. Encontra-se essa mesma constatação em Galeffi quando diz que: “A difusão pura e simples não existe, ela está marcada por processos complexos e por interesses políticos já instituídos e atuantes no controle dos meios produtivos e reprodutivos de conhecimento” (2020, p. 286). Há, portanto, uma intencionalidade na difusão do conhecimento compartilhado. Nesse sentido, divulga-se

97

[...] informações produzidas e sistematizadas a partir de um propósito, finalidade, direcionamento gerador de uma ação, envolto a transmissão e assimilação de conceitos, dados ou informações sobre o mundo existencial ou a respeito das ações humanas. (Neto e Menezes, 2011, p. 33).

Assim, aquilo que se transmite na difusão tem uma finalidade própria como já foi visto em seções anteriores. Para Galeffi “a difusão [...] responde ao imperativo do conhecimento implicado com o desenvolvimento humano sustentável” (2011, p. 30), sendo assim, compartilhar saberes é inerente à própria dinâmica humana, que constitui o ser humano enquanto ser humano, que necessita exercitar o pensamento, absorver novos conhecimentos para aprimorar-se, alcançando o mais alto nível de sua condição de humanidade, a boa convivência, premissa do desenvolvimento sustentável.

É preciso, portanto, não apenas responsabilizar pessoas e instituições que disseminam o conhecimento desinformativo, nocivo, mas elevar o desenvolvimento humano, permitindo que as pessoas possam, por conta própria, administrar aquilo que lhes apetece.

#### 4. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que utiliza o método indutivo (Marconi; Lakatos, 2022). Nesse sentido, o estudo qualitativo incide sobre um problema de pesquisa, que, no caso em estudo, busca compreender como o usuário pode se proteger da desinformação. O artigo adota também a pesquisa bibliográfica para fundamentar as argumentações do estudo. O método indutivo, tende a levar a conclusões que não são necessariamente verdadeiras, mas prováveis.

Definido o tema do estudo, se buscou na literatura o respaldo teórico sobre desinformação, assinalando o pensamento de alguns autores, para a estruturação de um conceito que se aproximasse daquilo que a pesquisa busca que é a necessidade do cidadão se proteger contra os ataques informativos que não agregam crescimento pessoal nem social, através da configuração de ideias próprias.

A base de dados da Capes foi acionada para fazer o levantamento de artigos mais atuais sobre o tema da desinformação com vistas a identificar nesses estudos os possíveis caminhos para uma readequação do olhar do usuário sobre as informações que circulam nas redes sociais.

O vídeo foi selecionado como um motivador para delinear o que se entende, na filosofia, sob a visão da filósofa Lúcia Helena Galvão, o que é ter ideias próprias num mundo complexo, sistematizado e com incessantes informações. Desse modo, a análise incidiu sobre os principais argumentos utilizados por LHG para sugerir, indicar e estimular a busca por ideias próprias como uma forma de evitação da manipulação de qualquer natureza.

#### 5. ANÁLISE

A desinformação é um elemento que dificulta a circulação de informações no mundo globalizado, embora a circulação de informações não seja uma prática da atualidade. A pesquisa

bibliográfica realizada, traz, desde o conceito extraído do dicionário online a ideia de desinformação como algo não verdadeiro, cuja divulgação pretende a indução ao erro. Essa conformação complementa e dialoga com o pensamento de autores como Volkoff (2004) ao inserir a manipulação da opinião pública por parte de terceiros. Sendo assim, se pode inferir que uma informação manipulada tem intenções que nem sempre podem ser para gerar conhecimento positivo, agregador de valores, saudável. Outro autor que coaduna com o pensamento de Volkoff (2004) e Floridi (1996) quando afirma da intencionalidade atribuída ao emissor da informação.

Em autores como Nehmy e Paim (1998) se encontra a confirmação da incompetência do usuário em informação, ou seja, a dificuldade em dominar o processo de seleção da informação e da checagem da mesma; registro também declarado pelos autores dos artigos encontrados na base de dados da CAPES. Na contramão desse pensamento, Floridi (1996) assinala a autodesinformação, quando o sujeito do conhecimento ignora o ato de conhecer, e como consequência, pode aderir a informações desprestigiadas.

Os artigos apresentados no escopo deste estudo, trazem um caminho de pensamento e argumentação que tem uma proximidade. Todos foram produzidos no contexto da pandemia do COVID-19, momento difícil para a raça humana em decorrência não apenas da mortalidade oferecida pelo vírus, mas também pela restrição de locomoção e, em alguns casos, o confinamento. No entanto, os seus autores se dedicaram em análises bibliográficas importantes, a partir das quais, puderam traçar no corpo textual indicações de procedimentos como alternativa para a atenuação da desinformação.

Além disso, dos cinco artigos verificados dois deles (Hissa, 2022; Silva, 2022) fazem referência a necessidade de obter ideias próprias. Os demais, dois indicaram a educação do cidadão como forma de resistir e contornar a desinformação (Brandão, Cruz, Rocha, 2020; Cordeiro et. al., 2020) e um não apresenta alternativa (Massarani et. al., 2021).

Aqui se considera a educação digital propriamente dita como uma alternativa viável e que pode, sim, diminuir os riscos de contaminação do usuário pelas notícias desinformantes. Entretanto, a proposta de ter ideias próprias passa pelo viés da maturidade emocional, espiritual e intelectual do sujeito, o que nem sempre uma educação adestrada para localizar o falso do

verdadeiro nem sempre pode alcançar. Os apelos inerentes à manipulação podem ser produzidos de forma tal que ocasionem não apenas a sedução do usuário, mas, devido a uma desatenção, uma pressa ou ansiedade, ou mesmo a autodesinformação apontada por Floridi (1996) podem enlaçar a pessoa que acessa tais conteúdos.

As argumentações apresentadas pela filósofa LHG no vídeo já assinalado tendem a levar o usuário à reflexão do seu status cognitivo, emocional e também moral. Através desses argumentos ela oferece elementos como a vivência da experiência como fator de soma, de agregamento de sabedoria; o sujeito é convidado a adotar uma postura crítica perante ao ato de afirmar ou negar algo sem a preocupação com julgamentos externos, pois o juiz de si mesmo deve ser o próprio indivíduo, afinal, a experiência é única para cada pessoa, e sendo assim, somente ela mesma pode falar dos próprios sentimentos.

Quem busca ter ideias próprias, segundo a argumentação da LHG, tem consciência de que a vida se transforma e por isso mesmo, não se deve apegar a crenças limitantes ou a desafetos passados. Nessa mesma linha de raciocínio, a filósofa chama a atenção do usuário para evitar a repetição daquilo que se ouve e ver, atitude tão comum no fenômeno da desinformação. Afinal, qual o aprendizado que se tem em reproduzir o que já é reproduzido e que nem sempre tem profundidade, nem epistemológica, nem emocional.

Finalmente, sem adensar a racionalidade paralisante que não permite outras formas de conhecimento mais sutil, ela apela para a razão como uma forma de iluminar e de dar clareza nas relações, principalmente no que diz respeito à difusão do conhecimento.

## 6. CONCLUSÕES

Este artigo tomando como base o seu tema principal, refletiu sobre a necessidade dos cidadãos buscarem ter ideias próprias como forma de prevenção contra as notícias falsas e de caráter duvidoso, o que pode ser denominado de desinformação. Esta tem ocorrido de forma constante e incessante nas redes sociais, as quais muitas pessoas têm acesso como instrumento de trabalho, interativo, diversão, comunicação, informativo, educativo.

A metodologia empregada, constituída de pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo de vídeo, possibilitaram verificar o conceito mais utilizado para desinformação, que tem teor

negativo por estar atrelado à manipulação, a indução do erro e a ignorância sobre o conhecimento. A análise do vídeo incidiu sobre a identificação da argumentação da personagem principal, a filósofa Lúcia Helena Galvão. Tais argumentos permitem conceber qual o significado filosófico da expressão “ideias próprias” que, no caso em estudo, está associado à emancipação do ser humano quando este adquire o hábito de discernir por conta própria, podendo escolher o melhor caminho a seguir, no caso em estudo, eleger a informação que apresente clareza, não rebaixe nem discrimine pessoas e instituições pelos seus produtores estarem ancorados em ideologias.

É possível considerar este artigo como um produto que faz menção a um atributo da condição e existência humana, essencial para a convivência nos dias atuais: a capacidade de ter autonomia pelo exercício do pensamento próprio e apropriado.

Como nenhum estudo é totalmente conclusivo, considera-se que novas proposições possam ser criadas e viabilizadas, que atentem para outros aspectos da análise de vídeo que possam contribuir ainda mais para evidenciar a riqueza desse suporte.

## REFERÊNCIAS

- AQUINO, M. A. A construção do currículo em parceria com o projeto educativo. **Informação & Informação**, Londrina, v. 11, n. 1, jan./jun. 2006. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/informacao/viewissue.php?id=33>. Acesso em: 23 out. 2023.
- ARAÚJO, C. A. A. O conceito de informação na Ciência da Informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.20, n.3, p.95-105, set./dez., 2010.
- AUSTIN, J. L. **Quando Dizer é Fazer**. Palavras e Ação. Tradução de: Danilo de S. Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- BARRETO, A.A. Uma história da Ciência da Informação. In: TOUTAIN, Lúcia Brandão.(Org.). **Para entender a Ciência da Informação**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2007.
- BRISOLA, A. C.; ROMEIRO, N. L. A competência crítica em informação como resistência: uma análise sobre o uso da informação na atualidade. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, Online First, 20 p., jan. 2018. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1054>. Acesso em: 04 nov. 2023.
- CARVALHO, M. F. C. de; MATEUS, C. A. Fake news e desinformação no meio digital: análise da produção científica sobre o tema na área de Ciência da Informação. **Múltiplos Olhares em**

- Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/16901>. Acesso em: 10 jan. 2024.
- CORDEIRO, J. D. R.; FONSECA, A. B. C. da; MANGABEIRA, E. C.; SILVA, J. C. L. e; LIMA, A. G. I. Desinformação na cultura digital: reflexões a partir da Democracia Cognitiva e do Diálogo de Saberes. **Revista Observatório**, [S. l.], v. 6, n. 6, p. a10pt, 2020. DOI: 10.20873/uft.2447-4266.2020v6n6a10pt. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/10019>. Acesso em: 28 out. 2023.
- DEMO, P. Ambivalências da sociedade da informação. **Ciência da Informação**, [S.l.], v. 29, n. 2, nov. 2000. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/885>. Acesso em: 28 out. 2023.
- DICIONÁRIO online de português. **Desinformação**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/desinformacao/>. Acesso: 22 nov. 2023.
- FALLIS, D. What Is Disinformation? (**Exploring Philosophies of Information. LIBRARY TRENDS**), Vol. 63, No. 3, edited by Ken Herold, pp. 401–426. The Board of Trustees, University of Illinois, 2015.
- FLORIDI, L. Brave.Net.World: The Internet as a Disinformation Superhighway? **The Electronic Library**, Vol. 14 Issue: 6, pp.509-514, 1996. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3128817>. Acesso em 05 de nov. de 2020.
- GALEFFI, D. Saberes plurais e difusão do conhecimento em educação: uma perspectiva transdisciplinar. In.: GURGEL, P. R.; SANTOS, W. N. [orgs.]. **Saberes plurais, difusão do conhecimento e práxis pedagógica**. Salvador: Edufba, 2011.
- GALEFFI, D.; MARQUES, M. I. C.; RAMOS, M. R. [Orgs.]. **Transciclopédia em difusão do conhecimento**. Salvador: Quarteto, 2020.
- GALVÃO, L. H. **A lógica e a inteligência da vida**. Reflexões filosóficas para começar bem o seu dia. São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.
- GALVÃO, L. H. Disponível em: <http://www.linkedin.com/in/lúcia-helena-galvão-maya/>. Acesso: 03 de out. de 2023.
- HISSA, D. L. A. Da manipulação das massas nas redes sociais às ações de combate à desinformação. **Revista Linguagem em Foco**, v.14, n.2, 2022. p. 68-89. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/9587>. Acesso em: 5 nov. 2023.
- LEFF, E. **Racionalidade ambiental**: a reapropriação social da natureza. Trad.: Luis Carlos Cabral. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2006.
- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2022.
- MASSARANI, L. M. .; LEAL, T. .; WALTZ, I.; MEDEIROS, A. Infodemia, desinformação e vacinas: a circulação de conteúdos em redes sociais antes e depois da COVID-19. **Liinc em Revista**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. e5689, 2021. DOI: 10.18617/liinc.v17i1.5689. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5689>. Acesso em: 2 dez. 2023.

MORIN, E. **Educação e complexidade**: os sete saberes e outros ensaios. Tradução de: Edgard de Assis Carvalho. São paulo: Cortez, 2013.

NEHMY, R.M.Q; PAIM, I. A desconstrução do conceito de “qualidade da informação”. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 1, p. 3645, jan./abr. 1998. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-19651998000100005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19651998000100005). Acesso em: 14 out. 2023.

NETO, J. F. B.; MENEZES, A. M. F. Difusão do conhecimento 1. In: GALEFFI, D.; MARQUES, M. I. C.; RAMOS, M. R. [Orgs.]. **Transciopédia em difusão do conhecimento**. Salvador: Quarteto, 2020.

PINHEIRO, M. M.; BRITO, V. P. Em busca do significado de desinformação. **Data Gramma Zero**, João Pessoa, v. 15, n. 6, dez. 2014. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000016135/2a5a3314a0b9fb786fedf46238b80461/>. Acesso em: 14 out. 2023.

ROCHA, T.; BRANDÃO, C. W. G. da S.; CRUZ, D. A. C. S. e. Fake news em tempos de COVID-19: discursos de ódio nas redes sociais como ressonância da desinformação. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, [S. l.], v. 6, n. 4, p. 297–320, 2020. DOI: 10.12957/riae.2020.51910. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/51910>. Acesso em: 29 nov. 2023.

SILVA, F. C. C. da. A Sociedade da Desinformação. **Logeion: Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, RJ, v. 9, n. 1, p. 143–161, 2022. DOI: 10.21728/logcion.2022v9n1.p143-161. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/5953>. Acesso em: 30 out. 2023.

VOCÊ tem ideias próprias? Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FJ92REVzkOg>. Acesso em: 18 nov. 2023.

VOLKOFF, V. **Pequena história da desinformação**: do Cavalo de Tróia à Internet. Curitiba: Vila do Príncipe, 2004.

Recebido em:17/10/2024

Aprovado em:02/12/2024